

ÚLTIMA CARTA A PAULO EMÍLIO

Não foi impunemente que nascemos, nesse vortice da história, que foi a guerra de 1914. Acordei um pouco antes, para sentir o Berta abalar o meu berço, na vertente do Japi, intemporal região com o pico da Baronesa invadido de borboletas inquietas e asfixiadas pela exuberância dos pólsens.

Quando acordaste, na metade da hecatombe, não podias ver os "poilus" enlameados nas rotas do desatino.

Mas, de qualquer forma, procuraste, anos depois, na "Ilustration" a tua certidão, não de nascimento, mas de destino.

Fomos encontrando no colégio, na rua, nas casas, os amigos, datados como nós, por aquele desvario, que sufocou, impiedosa e definitivamente, a última respiração da imprevidência e nos impôs, no rosto, a ruga severa da testa, carregada de perplexidades.

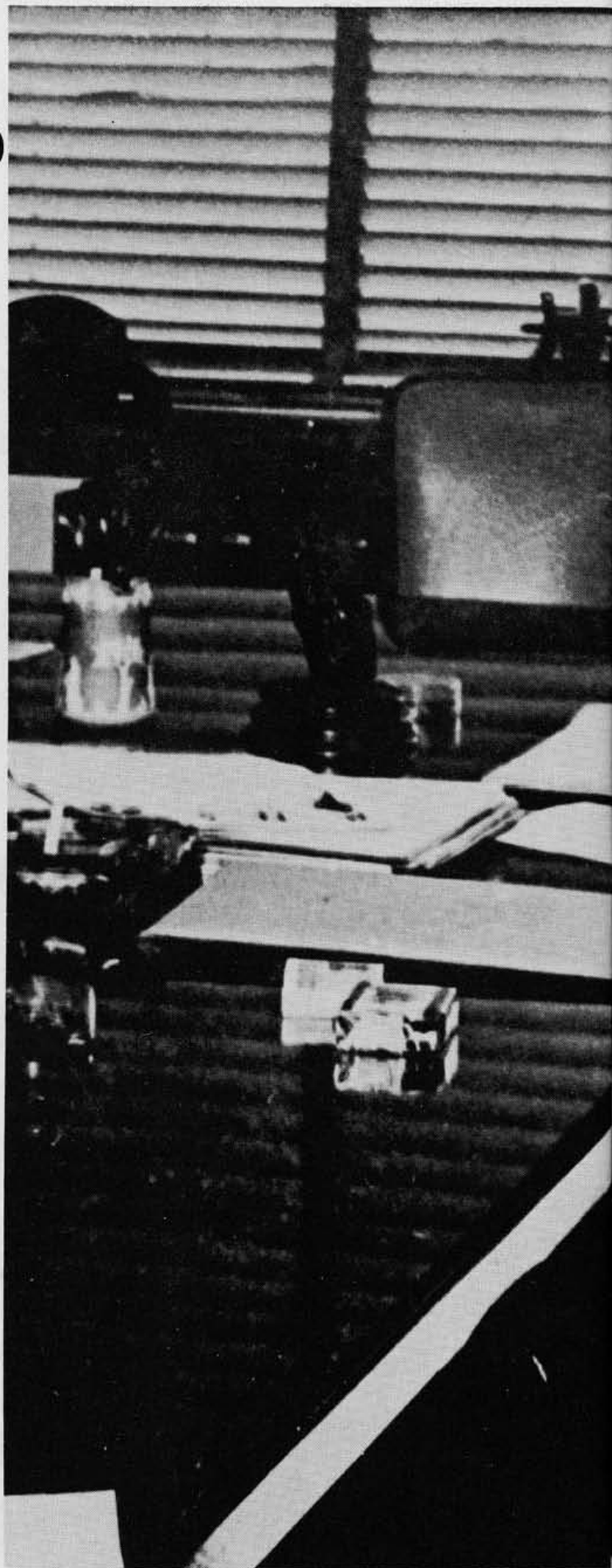
Perdemos a inocência em relação ao mundo como espaço físico e gratuito do fazer e aceitamos o mundo como espaço físico e compulsório do dever.

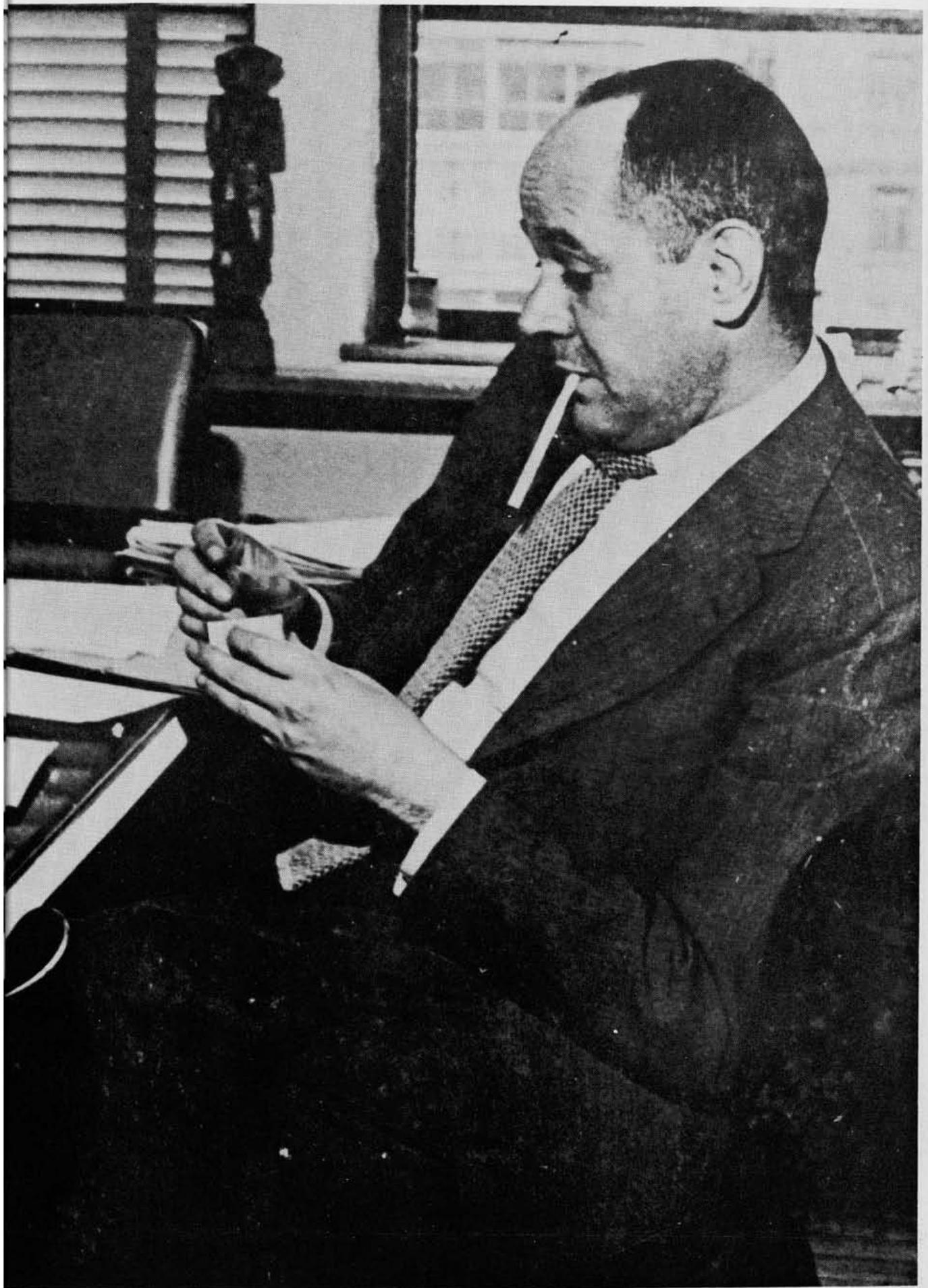
Esta seriedade foi o nosso distintivo existencial. Recebemos a vida como tarefa, mas, curiosamente, na assumpção desta missão, nos sentimos empolgados e orgulhosos, porque, jovens, não tínhamos recursos para perceber que, algo, fundamental, tinha sido imolado.

Entre o meu acordar de 12 e o teu de 16 e este momento atônito da história, mais de meio século transposto, quando todas as raízes já foram cortadas e sofreremos o impacto da ainda incompreensível e desconcertante mudança, que põe em questão ideologias, nacionalidades, estéticas, economias, convivências, há, no interregno, a nossa vida e o que fizemos dela, não concorrendo para um desenlace apocalíptico, mas sustentando-a no único labor possível, da afirmação da dignidade do homem.

E vendo tua vida, retrospectivamente, de que fui testemunha, por privilégio, transformado em patrimônio, saliento duas palavras, aparentemente inconciliáveis: responsabilidade e fervor.

Responsabilidade como conseqüência da seriedade que te marcou e fervor pela recusa ao tédio e à indiferença.





ÚLTIMA CARTA

Lembro-me de ter te encontrado, em 1939, no início da segunda guerra mundial, que retirava de nosso espírito toda confiança na história.

Havias completado, em 1933, o curso secundário e te preparavas para ingressar na Universidade. Antes, porém, tinhas obtido a primeira cicatriz de participação no processo político brasileiro: a luta contra a ditadura Vargas e, ainda, em 1936, no limiar da implantação do Estado Novo.

Tinhas 20 anos e te encarceraram num presídio, com nome de mulher de classe média, Maria Zélia, e num bairro de São Paulo, denominado, em relação ao seu caso, ironicamente, de Paraíso.

E consciente de que o processo de tua vida não era uma opção, mas um destino, nos ócios da prisão criaste um teatro popular e encenaste peça de tua autoria que se chamava, curiosamente, "Destinos".

E volto ao nosso encontro de 1939. Vinhas de Paris, ainda com 23 anos, onde permaneceste, entre 1938 e 1939. O livro que te impressionava, na ocasião, era a "Decadência do Ocidente", de Spengler. Vivíamos sob o guante de duas sentenças: a da decadência do Ocidente (e nós éramos o último Ocidente) e a da impossibilidade da cultura, abaixo da linha do Equador.

Em Paris, fizeste o curso da "École des Hautes Études Sociales et Internationales" e antes de voltar a São Paulo aceitaste experiência que te marcou: chefiaste, em 1943, um Grupo do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia e foste Chefe-Residente em Altamira, ainda não descoberta pela Transamazônica, da Coordenação da Mobilização Econômica para a Defesa Nacional.

Há 30 anos atrás, pois, eras pioneiro na defesa da Amazônia contra a cobiça estrangeira. Conheço o malogro dessa experiência, mas a riqueza humana que adquiriste.

Três acontecimentos, então, foram decisivos, nesse momento, em tua vida e que assinalavam a tua inclinação para a eleição do cinema como forma de comunicação social e histórica e de criação artística.



A fundação do 1.º Clube de Cinema de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cuja sede era no último andar da Escola Caetano de Campos (onde vimos, pela primeira vez, "O Gabinete do Dr. Galigari", de Robert Wiene e "Os Espiões" de Fritz Lang) e a colaboração, como crítico de cinema, na revista "Clima", entre 1941 e 1944.

Criaste a primeira crítica de cinema de base ensaística. Estás, pois, na raiz da análise, no Brasil, do documento cinematográfico.

Em 1944 completas o curso superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde exerces uma liderança realmente fecundante. A Universidade e o Cinema se inserem como sua "vocatio" insopitável.

No campo do cinema, o curso na "École des Hautes Études Cinématographiques", entre 46 e 47, o curso no "Institut de Filmologie", entre 50 e 51 e o estágio na "Cinemathèque Française", onde fui surpreender-te, para insistir na tua volta ao Brasil.

A criação da Filmoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e, após, a Cinemateca Brasileira; a obtenção de cópias de filmes estrangeiros para a instauração do acervo da Cinemateca; a participação em júris de cinema, em vários países; a colaboração, no Brasil, em grupos e comissões de estudo do cinema brasileiro; a atuação como Delegado e Presidente em vários Congressos da Federação Internacional de Arquivos de Filmes e em Congressos de história do cinema, internacionais e nacionais; a articulação com entidades federais, estaduais e municipais, algumas universitárias, para a defesa do cinema e, por fim, o exercício da docência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e na Escola de Comunicações e Artes.

Teu itinerário como professor, como pesquisador, como consultor de tantos jovens, seria interminável percorrê-lo.

Teu livro sobre Jean Vigo, publicado em 1957, nas Editions du Seuil, preencheu um vazio na própria crítica francesa e, aprofundando Vigo, descobriste Almereyda, que quase desequilibrou teu livro, pois a introdução sobre o pai, inédita na sua quase totalidade, comprometia, pela sua extensão, a composição da obra.

Comemoramos, recentemente, a edição, na Inglaterra e nos Estados Unidos, das traduções do teu Vigo.

E culminando teu trabalho de valorização do cinema brasileiro — que te empolgou porque descobrias nele, além do filme, o país, nas suas circunstâncias locais e temporais, te inscreveste para o concurso de doutorado em filosofia, com a tese "Cataguases, Humberto Mauro e Cinearte", editada em livro e que te

deu o título de doutor em filosofia, legando-nos uma obra exemplar no plano da pesquisa do nosso cinema.

Ensaísta, professor, estimulador de vocações, filósofo da arte, não posso conceber o nosso meio cultural, principalmente paulista, sem a tua presença, tua precisão na análise, tua voz ardente na persuasão, teu riso forte e marcante balizando o realce de tuas idéias e assinalador de características que tua inteligência e teu humor sempre proclamaram.

Como Presidente de tantas coisas que fizemos juntos, sinto teus projetos, teus livros, tuas leituras, tua fidelidade aos amigos, tuas saudades, teu labor sorridente e responsável, tua presença irrecusável na vida brasileira, tua amizade sempre idêntica e profunda e teu fervor, que fez tantos discípulos dessa escola de humanismo que criaste e torna tuas tarefas marcos insuperáveis e consolidados de abertura para um tipo de cultura brasileira liberta de prejuízos.

Francisco Luiz de Almeida Salles